

FLORBELA VEIGA FRADE*

A Família de Filipe Rodrigues Montalto

Filoteu Elias Montalto na documentação Inquisitorial. Uma tentativa de reconstrução histórico-genealógica.

Introdução

A História, tal como a Genealogia, baseia-se em documentos. Ambas reflectem a tentativa explicativa de quem a escreve ou a faz. Há nisso uma parte de construção – de construção histórica que não obedece à História Positivista ideal de L. van Ranke – e que por isso muitos apontam como sendo uma fragilidade, pois introduz, no que se pretende objectivo, o factor humano e qualitativo que se move como as marés e como os humores reflectindo-se no discurso produzido.

A História, tal como qualquer outra ciência social ou exacta, é feita por gente de carne e osso que tem as suas falhas e limitações. Por isso o conhecimento, histórico neste caso, é construído ao longo do tempo e alvo de constante revisão pelos especialistas e pelos estudiosos, pois há sempre um novo documento, um novo indício, uma nova forma de tratar os dados

* CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

já usados que confere uma nova perspectiva e uma nova abordagem de velhos temas.

Tanto na História como na Genealogia as lacunas de informação são sempre alvo de tentativas de explicação, as quais são – devem ser – mais ou menos plausíveis de acordo com as fontes utilizadas e as possibilidades epocais. Não se irá dissertar sobre o trabalho do historiador ou do genealogista, nem sobre a metodologia ou a teoria dessas disciplinas. Apenas se quer marcar bem a questão de que o que se chama História e Genealogia – ou outra qualquer disciplina do conhecimento – é uma construção que se vai completando e remodelando num mister quase arquitectónico. Embora também surjam sempre os apologistas da demolição do edifício existente para a construção duma outra putativamente mais funcional e consonante aos gostos da época.

Por conseguinte, fica-se um pouco impressionado com o conteúdo do artigo de João David de Moraes onde questiona de forma pouco clara o trabalho realizado durante décadas pelos mais variados estudiosos utilizando para isso conceitos inadequados e preconceitos sem qualquer base documental ou científica. Existem dúvidas, existe falta de documentação, existem mesmo erros, mas tudo isso faz parte da construção do conhecimento que é feito de avanços e recuos. Desmontar todo o artigo de Moraes dava uma tese, ou várias, portanto resta restringir ao essencial, neste caso a Filipe Rodrigues Montalto e sua família, alvo de várias investigações ao longo dos tempos e proceder como sempre, ou seja, apresentando as provas e assinalando as hipóteses e tentativas explicativas.

Genealogia de Filipe Rodrigues / Elias Montalto e a ligação à família Meldola

O último grande trabalho sobre a genealogia de Elias Montalto foi elaborado por um reputado estudioso, José Lopes Dias, que dedicou grande parte da sua vida à busca de provas documentais nos diversos arquivos que lhe permitiram escrever as suas conclusões. Seguiu o método histórico: usa a heurística, i.e. as formas de resolver os problemas para os quais se pretendem encontrar respostas viáveis, ainda que imperfeitas, e a hermenêutica, i.e. a interpretação da documentação. Para colmatar as lacunas Lopes Dias utiliza o seu conhecimento, que é vasto nesta área, para com hipóteses

apresentar uma tentativa de explicação. Deste modo, considera-se viável e plausível a hipótese levantada por Lopes Dias¹ de Elias Montalto ser sobrinho-neto de Amato Lusitano.

Por sua vez, João David de Morais, imbuído da ideia de História rankiana de *wie es eigentlich gewesen* e baseada em documentos oficiais cujos factos narrados se articulam entre si linearmente, pretende refutar toda esta explicação de José Lopes Dias e mais umas quantas. As hipóteses de outros historiadores que vê como efabulações e indicadoras da falta de rigor histórico² são, na realidade, tentativas de explicação sujeitas ao evoluir do conhecimento. Aponta como exemplo da falta de rigor nos trabalhos anteriores a existência de muitas pessoas com o nome João Rodrigues de Castelo Branco³, embora depois de se verificar a sua lista só um corresponda, de facto, à classificação de médico (não contando com o médico da princesa D. Catarina que não era de Castelo Branco, mas sim de Tavira). Resumindo, do rol de homónimos coleccionados por João David Morais só um encaixa no perfil do objecto em causa, pois os outros são poeta, capitão de navio e morador em Almada! O próprio método rankiano falhou na sua verificação.

João David Morais identifica o que chama de dois clãs de Filipe Rodrigues. Embora a aplicação, neste contexto, do conceito clã – que é antropológicamente complexo e de origem escocesa – seja imprecisa e pouco consentânea com a terminologia utilizada nestas áreas de conhecimento. Ou seja, quando muito, trata-se de famílias diferentes e não duma tribo, grupo de tribos ou conjunto de famílias subordinadas a um chefe com um antepassado comum, seja mítico ou real, que é o que significa *clan*. Portanto, a análise conceptual é ambígua porque não se entende o que o autor pretende definir.

Resumindo, e pelo que se pode entender do seu discurso, Morais considera existirem duas famílias de dois Filipes Rodrigues em Castelo Branco uma dum mercador e a outra que seria a de Montalto. Na realidade,

1 José Lopes Dias, *Laços Familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (novas investigações). Primeiro Colóquio de História da Medicina*, s.l., s.n., s.d.

2 João David de Morais, “A problemática da Homonímia e da putativa teia familiar de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano): reinterpretação Historiográfica”, *Caderno de Cultura. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*, nº XXVIII, Nov. 2014, p. 9. O exemplar deste artigo foi amavelmente oferecido pelo autor.

3 João David de Morais, op. cit., pp. 10-11. Com incursões em vários dos João Rodrigues de Castelo Branco em todo o artigo.

muito provavelmente e bem vistas as coisas, trata-se de gerações diferentes da mesma família, já que pelos processos inquisitoriais, nomeadamente pelo do irmão de Montalto, Francisco de Luna, ficamos a saber que o pai da mãe, ou seja o avô materno, também se chamava Filipe Rodrigues e fôra casado com Brízida Gomes em Castelo Branco⁴. O que quer dizer que Filipe Rodrigues Montalto recebeu o seu nome do avô o que é muito comum entre cristãos-novos e não só.

Morais considera a existência de dois clãs Rodrigues: um cristão-velho e outro cristão-novo. Não concebe, portanto, que a mãe de Filipe Rodrigues, mercador, possa ter sido enterrada na igreja sendo cristã-nova, logo herética e profanadora do solo sagrado⁵. Assim, e segundo o referido autor, Filipe Rodrigues só pode ser considerado cristão-velho, uma vez que sua mãe estava sepultada num espaço reservado a cristãos-velhos. O mesmo autor não indica como chegou à conclusão daquela impossibilidade nem faz menção dos locais onde putativamente os cristãos-novos seriam enterrados, o que seria um grande contributo para o avanço do conhecimento.

Que se saiba, não existiram locais específicos para enterrar os cristãos-novos, para os baptizar ou para os casar. Os cemitérios judaicos, tal como as sinagogas, foram destruídos ou reconvertidos para outras utilizações⁶ de que hoje apenas há memória da sua localização e muitas vezes inexacta. Por conseguinte, os cristãos-novos eram enterrados nos mesmos locais que os cristãos-velhos, pois segundo o Concílio Tridentino todo o cristão tinha de ter um enterro e um registo nos respectivos livros da freguesia. Nestes livros não existe uma única indicação sobre se o defunto era cristão-novo ou cristão-velho – caso exista, por favor divulgue-se.

Como é amplamente conhecido, o espaço ocupado na igreja tem a ver com o estatuto social e económico das pessoas e famílias⁷. Os casos de cristãos-novos enterrados em igrejas são também bastante conhecidos, assim como as capelas privadas que possuíam para seu enterro, nomeadamente

4 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747, (genealogia), fl. 98 e ss.

5 João David de Moraes, *op. cit.*, p. 30.

6 Sobre estas questões ver Maria José Ferro Tavares, *Os Judeus em Portugal no século XIV*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, imp. 2000; *idem*, *Os Judeus no Século XV*, 2 vols., Lisboa, Universidade Nova, 1982-1984; *idem*, *Los Judíos en Portugal*, Madrid, Mapfre, 1992. A sinagoga de Tomar por exemplo serviu como cadeia.

7 Existe uma vasta bibliografia sobre estas questões nomeadamente sobre famílias nobres, heráldica, e estudos regionais.

os Mendes de Brito⁸ ou os Gomes da Mata, correios-mor, cuja família está enterrada no jazigo na capela de Nossa Senhora da Pérsia na igreja de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, para citar apenas os mais conhecidos e em Lisboa.

Morais também considera não ser plausível que Catarina Aires tenha morrido aos 82 anos, pois a esperança de vida naquela altura era de 30 anos. De facto, a esperança de vida à nascença era baixa, pois a mortalidade infantil era muito grande, mas isso não quer dizer que todos morressem por volta dos 30 anos. Basta ver os registos de enterramento de qualquer freguesia do país, ler qualquer trabalho de demografia histórica ou fazer um estudo genealógico de família para verificar a existência de anciãos. Por exemplo D. Afonso Henriques ou D. João I faleceram ambos com cerca de 76 anos. Claro que esta longevidade não é geral, mas é e foi possível também na população em geral e especificamente na família de Montalto que possui registos na comunidade de Amesterdão.

Adiante no seu artigo, Moraes considera a existência de quatro clãs Rodrigues: o que deu origem aos Pires/Coen de Évora e Lisboa; o de João Rodrigues/Amato Lusitano; o de Filipe Rodrigues, mercador que considera ser cristão-velho; e o cristão-novo de Filipe Rodrigues Montalto. Mas, adiante estas questões dos clãs, pois o que interessa é Elias Montalto.

Trazendo à colação as fontes inquisitoriais verifica-se que existe um quadro claro da composição da família de Montalto. Por estas fontes fica-se a saber que existem dois Filipes Rodrigues – um deles pode ser o mercador referido por Moraes – pertencendo ambos à mesma família conhecida em Castelo Branco por Luna Montalto.

Ou seja, existe um Filipe Rodrigues casado com Brízida Gomes que teve quatro filhos, a saber: Catarina Aires casada em Castelo Branco com António Aires de quem descende Montalto; uma filha que casou com Manuel de Mercado e que foi para Espanha; Jorge Rodrigues casado com Branca Lopes e que foi presa pela Inquisição⁹; e por fim Aires Gomes, preso pela inquisição¹⁰ que casou duas vezes uma com Isabel Rodrigues, irmã do licenciado Rodrigo de Santilhana que foi preso pela Inquisição¹¹, e outra

8 Ver Fernanda Olival, *As Ordens Militares e o Estado Moderno*, Lisboa, Estar, 2001, pp. 308 e ss.

9 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 12610.

10 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 5659.

11 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 13056.

com Brites Lopes de quem teve uma filha chamada Beatriz de Santilhana, ambas sentenciadas pela Inquisição¹².

Pelos processos não se consegue descobrir os nomes dos pais de António Aires, mas sabe-se que este teve um irmão chamado Gonçalo Dias com a seguinte descendência: um Pêro Dias Santilhena¹³ casado duas vezes tendo de Beatriz Rodrigues um filho chamado António; e Baltazar Gonçalves que teve uma filha chamada Madalena Gonçalves casada com Simão Lopes de quem teve dois filhos e duas filhas. Para além de Gonçalo Dias, António Aires teve ainda um irmão ou irmã que foi para Castela e lá teve dois filhos: Pêro Dias e Gonçalo Aires.

Toda esta genealogia incluída nas várias sessões de inquérito genealógico nos processos inquisitoriais foi confirmada para a elaboração deste artigo, tal como o tinha feito José Lopes Dias há umas décadas atrás, completando-se a informação com genealogias manuscritas contemporâneas e recorrendo aos registos paroquiais. Por estes assentos fica-se a saber que Aires Gomes (irmão de Catarina Aires e ambos filhos de Filipe Rodrigues e Brízida Gomes) nasceu em Castelo Branco e foi baptizado em 1547 na freguesia de Santa Maria do Castelo, contando-se entre os seus padrinhos Pedro Brandão¹⁴.

Aos xvi de Setembro eu vigario bautizei Aires filho legítimo de Filipe Rodrigues e Brisida Gomes / Padrinhos o licenciado Pêro Brandão e Simão Gonçalves anadel e Catarina Fernandes e Isabel Gonçalves e por verdade asinei¹⁵.

Foi precisamente esta referência ao padrinho de Aires Gomes que levou provavelmente José Lopes Dias a levantar a hipótese de este Pedro Brandão ser irmão de Filipe Rodrigues e a colocá-lo entre os irmãos de João Rodrigues ou Amato Lusitano, precisamente por ter o apelido Rodrigues.

Contudo, parece-nos uma hipótese aplicável também a Brízida Gomes, o que justificaria em parte o “esquecimento” de Amato Lusitano ao indicar apenas como seus irmãos José Amato e Pedro Brandão. A discrepância de

12 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 13263 e 3394.

13 Há, nas fontes, oscilação entre Santilhana e Santilhena.

14 José Lopes Dias, *op. cit.*, pp. 6-7; ANTT, *Registos Paroquiais. Livro 1 de Mistos de Santa Maria do Castelo* (Castelo Branco), fl. 13.

15 ANTT, *Registos Paroquiais. Livro 1 de Mistos de Santa Maria do Castelo* (Castelo Branco), fl. 13.

apelidos entre irmãos é uma constante entre os cristãos-novos e não só, pois uns adoptam os nomes da família do pai outros da família da mãe. Veja-se o exemplo dos irmãos de Amato Lusitano acima mencionados e os apelidos dos filhos de Filipe Rodrigues e Brízida Gomes: Catarina Aires, Jorge Rodrigues e Aires Gomes.

Há ainda a acrescentar que o ser convidado para padrinho de baptismo duma criança não quer dizer necessariamente que seja membro da mesma família, embora o possa ser. Quando muito indica um relacionamento entre as famílias e um conhecimento prévio. Resumindo, não existe prova alguma que o Pêro ou Pedro (há alternância na grafia) Brandão seja tio de Aires Gomes, apenas podemos provar que um licenciado chamado Pedro Brandão, e não devem existir muitos em Castelo Branco com este nome, foi padrinho de Aires Gomes. Podemos acrescentar que provavelmente Pedro Brandão era casado com Catarina Fernandes pois ela também foi madrinha do dito, e o anadel Simão Gonçalves também deveria ser casado com Isabel Gonçalves, outra das madrinhas. Os padrinhos seriam, portanto, dois casais, mas, claro, é apenas uma suposição que fica a aguardar melhor prova.

Retornando ao casal António Dias e Catarina Aires, fica-se a saber pelos registos paroquiais que ambos casaram em Castelo Branco:

[Ano de 1563] Aos vinte dias do mês d'Abril se receberam em face da igreja Antonio Ayres e Catarina Aires filha e gemro de Felipe Rodrigues moradores em esta villa¹⁶.

Pelos processos inquisitoriais sabe-se que tiveram os seguintes filhos: Filipe Rodrigues Montalto casado com Jerónima da Fonseca de quem teve António e Rafael; o licenciado em Leis Diogo de Luna ausente em Antuérpia e lá casado; o médico Francisco de Luna preso pela Inquisição¹⁷ e casado em Castelo Branco com Inês Correia de quem teve seis filhos; Paulo Aires que casou com a cristã-velha Catarina Fernandes de quem teve Maria Aires casada com Baltazar Lopes ambos sentenciados pela Inquisição¹⁸, e casou em segundas núpcias com Ana Lopes; Isabel Aires

16 ANTT, *Registos Paroquiais. Livro 1 de Mistos de Santa Maria do Castelo* (Castelo Branco), fl. 151 v.

17 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747.

18 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processos 5659 e 5994.

que casou com Estácio Coelho e mais tarde com Pêro Lopes de Lucena de quem teve duas filhas Catarina e Marquesa; e por fim Marquesa de Luna casada com Gomes Fernandes e de quem teve António Correia, Francisco e Manuel.

Filipe Rodrigues Montalto foi baptizado na mesma freguesia de Santa Maria:

[Ano de 1567, mês de Outubro] Aos seis dias do dito mês baptizei Felipe filho legitimo de Antonio Ayres e de Catarina Ayres forão padrinhos Manuel Viegas e Guiomar Anriquez os quaes o tomão da pya e conforme ao Santo Concilio lhes declarey o parentesquo em que ficavão¹⁹.

E casou com Jerónima da Fonseca provavelmente em Castelo Branco, cujo registo não se teve oportunidade de verificar. Mas, através do processo inquisitorial do irmão daquela, Tomás da Fonseca, consegue-se estabelecer a seguinte genealogia encabeçada pelo seu avô paterno Duarte da Fonseca, que era mercador. Jerónima da Fonseca era filha do médico Lopo da Fonseca e de Beatriz Henriques tendo um tio paterno chamado António da Fonseca que era tratante e um primo cirurgião Duarte da Fonseca; a sua única tia materna era Leonor Henriques, casada na Guarda com Miguel da Fonseca, tendo ambos um filho letrado chamado Diogo da Fonseca²⁰.

Pelo mesmo processo, ficamos a saber a descendência de Lopo da Fonseca e Beatriz Henriques: o médico Tomás da Fonseca, casado com D. Isabel Coronel que estava recolhida no mosteiro do Santíssimo Sacramento em Valhadolid; a dita Jerónima da Fonseca casada com Filipe Rodrigues Montalto; Maria da Fonseca casada com o médico Jerónimo Nunes; e Isabel da Fonseca casada com Pedro Rodrigues²¹.

Estas informações são confirmadas pela genealogia manuscrita de Isaac de Matatias Aboab de Amesterdão, com excepção do nome do pai de Lopo da Fonseca que refere ser Manuel da Fonseca, baptizado em pé

19 José Lopes Dias, *op. cit.*, p. 6; ANTT, *Registos Paroquiais. Livro 1 de Mistos de Santa Maria do Castelo* (Castelo Branco), fl. 97.

20 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 1355. Sobre a carta de Elias Montalto a este seu cunhado e a ligação da família aos Milão ver Herman Prins Salomon, *Une Lettre Inédite du Docteur Felipe Rodrigues Montalto*. Paris: Calouste Gulbenkian, s.d.

21 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 1355.

na altura de D. Manuel²² e não Duarte da Fonseca como acima referido. De resto, complementa as informações pois indica-se ainda que o Dr. Lopo da Fonseca foi médico da rainha D. Catarina e fôra casado anteriormente com descendência. Para além disso acrescenta os nomes de sinagoga das duas filhas, nomeadamente de Maria da Fonseca aliás Sara Curiel e de Jerónima da Fonseca aliás Raquel da Fonseca.

Isaac Matatias Aboab indica ainda que Jerónima (Raquel) da Fonseca casada com Filipe Rodrigues Montalto (Elias Montalto) tiveram cinco filhos: Moseh que casou com Ester sua prima-irmã, filha de Sara Curiel e Jerónimo Nunes Ramires; Isaac que casou com Raquel Coen Barbosa; Rafael; e dois gémeos que faleceram²³.

Repetindo o que já se disse em artigos e comunicações anteriores²⁴, Filipe Rodrigues formou-se em Medicina na Universidade de Salamanca e dedicou-se à sua prática em Portugal, onde era conhecido por Dr. Filipe Montalto²⁵ ou Dr. Montalto²⁶. Depois de sair de Portugal dirigiu-se a Itália com a família onde se converteu ao judaísmo sob a égide do rabino Leone de Modena (1571-1648), sendo convidado pelo duque da Toscana, pai de Maria de Médicis, para ensinar em Pisa, conforme o próprio escreveu no prefácio da sua obra *Optica*, dedicada a Cosme de Medicis²⁷. Mais tarde foi médico na côrte da rainha Maria de Médicis e Henrique IV de França, publicando com o nome Philotei Eliani Montalto Lusitani a sua perscrutadora obra médica *Archipathologia*.

De acordo com Cecil Roth, Moseh, filho de Montalto, também foi médico como ele e mudou-se com a esposa Isabel (Ester) da Fonseca para

22 I. S. Révah, «Pour l'Histoire des Nouveaux-Chrétiens Portugais. La relation généalogique d'I. de M. Aboab». *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. II, nº 2 (1961), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 302. Esta genealogia foi feita pelo filho de Matatias Aboab ou Manuel Dias Henriques (Porto, 19/5/1594-Amesterdão, 5/10/1667), Isaac. Resulta da transcrição de I. S. Révah a partir de dois manuscritos, um que se encontra em Ets Haim em Amesterdão e outro que pertencia ao Sr. Capadose de Londres.

23 I. S. Révah, *op. cit.*, pp. 302-303.

24 Ver Florbela Veiga Frade, "Philoteo Elianus Montaltus Lusitanus two sides of the same coin: The man and his work", *Meah. Miscelanea de estudios Arabes Y Hebraicos. Revista electrónica da Universidade de Granada*, vol. 65, 2016.

25 Herman Prins Salomon, *Une Lettre Inédite du Docteur Felipe Rodrigues Montalto. Paris: Calouste Gulbenkian*, 1983, p. 158; ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 6677, fl. 96 v; *Idem*, proc. 4512.

26 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 9389, fls.196-197.

27 Philippi Montalto, *Optica intra philosophiae et medecinae aream, de visu, de visus organo et objecto theoriam accurate complectens*, Florença, Cosmum Iuntam, 1606.

Lublin, na Polónia. Por outro lado, Isaac foi rabino e, segundo o dito autor, é talvez o pai do rabi Abraham Ben Isaac Montalto que viveu em Siena. Acrescente-se que Raquel, filha de Montalto ou sua neta por parte de Isaac (?), não se percebe bem, casou com David Israel Meldola (1612-1679) de que há descendência²⁸. Estas informações são corroboradas pelos registos em Amesterdão onde se referem vários nomes da família de Montalto, designadamente Moseh Montalto, Rafael Montalto e Eliau Montalto, assim como Elhazar Meldola e seu irmão David de Rafael Meldola e o filho mais velho de Rafael de David Meldola e sua filha Raquel de David Meldola assim como David de Eliau Meldola²⁹. Confirmando-se desse modo a ligação dos Montalto com a família Meldola, de reconhecida importância entre os sefarditas, pois existem vários rabinos com este apelido.

Ainda de acordo com os registos da Nação Portuguesa de Amesterdão³⁰, Raquel Montalto, viúva de Elias Montalto, deixou uma lâmpada de prata para a sinagoga que era limpa duas vezes por ano por ocasião das festas. Esta lâmpada no ano de 1647 (5407) foi entregue às noras de Raquel Montalta, a saber Dona Ester Montalta e dona Raquel Montalta para a limparem fazendo-se disso um registo de entrega. Por este registo³¹ fica-se a saber que Ester Montalta era nessa altura viúva de Moseh Montalto, tal como já se referiu acima, e Raquel Montalta era esposa de Isaac Montalto que se encontrava ausente na Berbéria, ou seja, no Norte de África. Ambas as senhoras assinaram o que revela que eram pelo menos alfabetizadas, refutando-se desse modo algumas ideias de que as mulheres não eram ensinadas a ler e escrever.

Para além destas informações que constam dos registos da Nação Portuguesa de Amesterdão há também referências nos registos notariais daquela cidade a um Miguel ou Michael de Luna³². Miguel de Luna estava ligado a outro mercador chamado João Gonçalves que comerciava arroz, vidros e fruta em navios que faziam a rota Veneza, Marselha com destino a

28 Cecil Roth, «Quatre Lettres d'Elie de Montalto», *Revue des Études Juives*, Paris, imp. Elias, 1929, p. 140.

29 CAA, 334, PIC 1163, *Livro dos Irmaos de Dotar*, scan 52, fl. 71.

30 Agradece-se a Ton Tielen a referência e a partilha das informações que se seguem sobre a família em Amesterdão.

31 City Archives Amsterdam (CAA), Fond 334 *Portuguese Israelite Community Amsterdam* PIC 19 or Escamoth A) inventory number 19, scan 152, fl. 216.

32 As informações que se seguem são baseadas em *Studia Rosenthaliana*, vol. XI, nº 2, Julho 1977, p. 221, n. 56.

Amesterdão. De 1617 a 1623 surgem 16 registos notariais com indicação do comércio feito por este mercador que é afinal também médico e chamado Moseh Montalto, casado com Ester Montalta. O seu casamento teve lugar em Amesterdão a 20 de Julho de 1617.

Moseh Montalto ou Miguel de Luna foi mercador e médico e desde Setembro de 1616 que era membro da Companhia de Dotar Órfãs e Donzelas onde assinava Mosse Montalto, embora em determinados anos, antes de 1623, Rohiel Jessurun tenha assinado por ele, o que pode indicar que se encontrava ausente, muito provavelmente na Polónia, como se indicou acima. Em 1627 tornou-se o administrador da Companhia de Dotar, uma obra caritativa que concedia dotes às donzelas e órfãs, cristãs-novas e judias, originárias da Península Ibérica e sua diáspora. A morte de Moseh Montalto parece ter ocorrido antes ou no ano de 1639, embora desde 1635 que não assinava os registos da dita Companhia, sendo apenas referido na lista.

Miguel de Luna surge também nos registos de protocolo do notário Daniel Bredau como associado a seu irmão Lopo de Luna Montalto ou Isaac Montalto a partir de 1631. Ambos comerciavam civetas africanas ou gatos almíscarados, um animal mamífero de pelagem branca e preta que produz almíscar um produto muito usado em perfumaria.

A 11 de Novembro de 1637 Abraham da Fonseca com 31 anos e Jeosua Ulhoa de 28 anos, mercadores de Amesterdão, declaram a pedido de Lopo de Luna Montalto que o irmão deste tinha saído há 2 anos para a Polónia, ou seja em 1635, e lá tinha morrido deixando uma viúva e três crianças pequenas sem meios de sobrevivência. Nesse ano Ester Montalta pediu para ser isenta do pagamento da taxa que deveria pagar aos Estados da Holanda.

Por sua vez Lopo de Luna Montalto ou Isaac Montalto foi para Hamburgo em 1624, onde ainda se encontrava no ano seguinte³³.

O Ramo da Família que ficou em Castelo Branco e a ligação ao nobre Pêro Gil, dessa cidade

Através de José Lopes Dias sabe-se que a família continuou em Castelo Branco, nomeadamente a filha de Paulo Aires, sobrinha de Filipe Rodrigues Montalto, Maria Aires casada com Baltazar Lopes. Tal como já foi referido,

³³ Ver *De Opbouw*, 16th year 1962, p. 4 ft. and 28 ft.

o casal foi preso pela Inquisição em Lisboa, ele em 1627 com 36 anos, foi acusado de judaísmo, de esconder e passar pessoas para fora do Reino, saindo no auto-da-fé de 2 de Fevereiro de 1629. Ela foi presa em 1629 com 18 anos, foi acusada de judaísmo, sendo que nessa altura apenas tinham uma filha chamada Inês com 15 meses. Maria Aires saiu no auto-da-fé de 2 de Setembro de 1629 e nesse ano ambos os membros do casal pediram para cumprirem as suas penitências em Castelo Branco.

Baltazar Lopes era filho de Inês Lopes, viúva de Jerónimo Martins. A paternidade era duvidosa porque ele nasceu depois da viuvez da mãe e sabia-se que a dita tinha conversações, um eufemismo para indicar relações extraconjugais, com Pêro Gil, homem nobre de Castelo Branco. Deste modo, um dos seus tios, por parte do muito provável pai, seria inquisidor na Índia e uma das suas tias seria Leonor Frazoa casada com Sebastião Caldeira de Mendanha³⁴.

Ou seja, um dos membros da família Luna Montalto uniu-se a um provável bastardo dum nobre, Pêro Gil, de Castelo Branco e desta união houve descendência. Os descendentes de Maria Aires e Baltazar Lopes mereceram um estudo genealógico por parte Manuel Castelo Branco sendo publicado por José Lopes Dias³⁵. Possui algumas incorrecções nomeadamente que Inês filha do casal foi baptizada em 1625, pois sabemos, pelos processos dos pais, que em Fevereiro de 1629 Inês tinha 15 meses o que coloca o seu nascimento entre Novembro e Dezembro de 1627. As subsequentes informações sobre a descendência de Maria Aires e Baltazar Lopes de autoria mencionada não foram confirmadas por falta de oportunidade.

De acordo com a dita genealogia os filhos do casal são, a saber: Inês; o Licenciado Manuel Lopes Aires formado em medicina em 1656 na Universidade de Coimbra casado com D. Isabel Ferrão Ortiz filha de António Coelho Ortiz e D. Sebastiana de Figueiredo; Paulo Aires; José Lopes Aires; o licenciado Francisco de Luna formado em Leis na Universidade de Coimbra exerceu em Castelo Branco. Estes filhos deram origem a vasta descendência.

Mas em Castelo Branco a família Luna Montalto era de reconhecida importância a avaliar pelos bens de Francisco de Luna, irmão de Montalto. Aquele possuía bens de raiz na cidade e alguns rústicos nos arrabaldes da

34 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 5994 (genealogia), fl. 59 v.-60.

35 José Lopes Dias, *op. cit.*, p. 12-18.

localidade de que recebia rendas, registando as suas contas num livro de lembranças, também confiscado pelo Santo Ofício. Possuía ainda 600 cabeças de gado ovino e tinha também gado vacum e cavalgadas. Em sua casa, tal como vem arrolado no processo da Inquisição, tinha mobílias da Índia e Angola,³⁶ contando-se ainda entre os seus pertences utensílios de medida usados no dia-a-dia, tachos de cobre e de latão, assim como castiçais, espelhos, toalhas de linho e faqueiros de prata. As roupas de casa eram de linho ou da Índia e as roupas revelam que os seus donos viviam com um certo desafio já que incluía barretes, chapéus e vários tipos de sobretudos como capotes, capas ou mantilhas assim como botas e sapatos³⁷ de vários géneros.

Inclui-se ainda no vasto espólio da família de Francisco de Luna arreios e selas, uma gineta e outra bastarda com seus estribos o que revela ser alguém de posição pois o uso de cavalgadas estava sujeito a autorização régia e a regras estritas. Entre os seus pertences contam-se ainda várias armas nomeadamente espadas, montantes, rodela, verdugos e bestas assim como uma espingarda pederneira³⁸.

Francisco de Luna possuía ainda uma vasta biblioteca arrolada pelos escrivães da inquisição com o intuito de ser vendida, sendo muito provável que o tenha sido, pois no final do processo Francisco de Luna queixou-se de ficar sem todos os seus bens. Este espólio inclui 177 itens, mas o número de livros é superior pois há obras em vários volumes. Os temas são essencialmente medicina e assuntos a ela referentes embora existam obras de filosofia, de poesia, de geografia, de matemática e alguns livros religiosos designadamente sobre a vida de Nossa Senhora e também alguns sermões. A única obra religiosa que pode atribuir-se ao seu possível lado judaizante são os Salmos de David. Dum modo geral, é uma biblioteca considerável composta por obras impressas e manuscritas em pergaminho e papel encadernadas.

Fica, no entanto uma questão latente. O que sucedeu à família de Francisco de Luna após ter sido espoliada pela Inquisição? Sabe-se apenas que ele pediu autorização para cumprir as penitências, conforme a sua sentença, em Lisboa e para que pudesse mandar vir para a capital a mulher e os filhos, já que não valia a pena voltar a Castelo Branco onde já não tinha nada seu.

36 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747, fls. 4-5; 7-8.

37 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747, fls. 9-11.

38 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747, fls. 8 v.-9.

A ligação das famílias Luna Montalto, Curiel e Aboab

Ainda as informações que a genealogia de Isaac de Matatias Aboab oferece sobre a família Fonseca. A irmã de Jerónima Fonseca era Maria da Fonseca e esta casou com o doutor Jerónimo Nunes Ramires nascendo em Lisboa os seguintes filhos: duas Grácia, uma Beatriz e um Bernardo que faleceram pequenos; Guiomar da Costa, aliás Abigail Curiel que casou com o seu primo-irmão Abraão Curiel aliás Duarte Nunes Vitória; Catarina da Fonseca, aliás Sara d’Orta casada com Henrique d’Orta aliás Eliau d’Orta; Duarte Nunes da Costa aliás Jacob Curiel que casou com Inês Lopes Jorge aliás Lea Abas; Luísa da Fonseca que casou com António de Cáceres; Beatriz Henriques aliás Sara Rodrigues Lamego casada com António Rodrigues Lamego; Lopo Ramires, aliás David Curiel; e Isabel da Fonseca, aliás Ester Montalta que casou com seu primo-irmão Moseh Montalto de quem teve oito filhos, mas só um atingiu idade de casar designadamente Rafael que casou com sua prima-irmã Abigail filha de Eliau e Sara d’Orta³⁹.

O cunhado de Montalto, o Dr. Jerónimo Nunes Ramires (1545-1609) faleceu em Lisboa e a sua esposa Maria da Fonseca ou Sara Curiel faleceu em Saint Jean de Luz em Fevereiro de 1614 sendo os seus restos mortais trasladados em Abril de 1628 para Ouderkerke em Amesterdão⁴⁰. Tal como já foi referido atrás um dos filhos do casal chamava-se Duarte Nunes da Costa ou Jacob Curiel (1587-1664) e foi uma das pessoas mais importantes da Nação Portuguesa de Amesterdão que era constituída essencialmente por portugueses que aí voltaram à religião dos seus antepassados, já que o não podiam fazer em Portugal.

Duarte Nunes da Costa possui também processo de ausente na Inquisição de Lisboa, sendo inclusivamente relaxado em estátua no auto-da-fé que se realizou na Ribeira Velha em Setembro de 1638⁴¹. Em Portugal investia na Carreira da Índia⁴², em Amesterdão foi financiador da WIC (*West Indische Compagnie*) entre 1641-1664 e em Hamburgo foi representante

39 I. S. Révah, *op. cit.*, pp. 303-307.

40 I. S. Révah, *op. cit.*, p. 307.

41 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 7192.

42 James C. Boyajian, *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*, Baltimore, cop.1993, p. 108, n. 9.

do Rei de Portugal⁴³ assim como em Osnabruck⁴⁴ sendo inclusivamente nomeado em 1641 Cavaleiro da Casa Real⁴⁵.

O poeta e escritor Levi de Barrios descreve em *Coro de las Musas* os serviços prestados por Duarte Nunes da Costa a D. Duarte de Bragança, irmão do rei de Portugal D. João IV. Ou seja, enquanto *parnas*⁴⁶ na Nação Portuguesa em Hamburgo resgatou a liberdade do infante e serviu de ligação com côrte⁴⁷.

A família Nunes da Costa/Curiel tornou-se um dos pilares de suporte da Restauração e da nova dinastia. Um dos filhos de Duarte, Jerónimo Nunes da Costa ou Moisés Curiel (1620-1697) representou em 1645 a Companhia do Brasil em Amesterdão⁴⁸ sucedendo-lhe os seus descendentes até meados do século XVIII⁴⁹. Jerónimo Nunes da Costa conseguiu armas, navios e pólvora para a guerra da Restauração e teve várias reuniões com o padre António Vieira entre 1647 e 1648⁵⁰. Enquanto outro dos filhos de Duarte, Manuel Nunes da Costa ou Salomon Curiel sucedeu ao pai em 1664 como agente de Portugal na cidade de Hamburgo⁵¹.

Por sua vez, Lopo Ramires ou David Curiel (1594-1666), irmão de Duarte Nunes da Costa, foi agente do rei de Espanha⁵². Casou com Maria

43 Daniel Swetschinski, *The Portuguese Jewish Merchants of the Seventeenth-Century Amsterdam*, vol. 1, Ann Arbor-Michigan, 1987, pp. 198, 211-212, 224-226, 235-236, 244; idem, vol. 2, p. 747, n. 7*, p. 767, n. 7*.

44 Nicolás Broens, *Monarquía y Capital Mercantil: Filipe IV y las Redes Comerciales Portuguesas* (1627-1635), Madrid, Ed. Universidade Autonoma de Madrid, d.l. 1989, pp. 56-57, 60.

45 British Library, MS Add. 46912 fl. 11-11 v. *apud* Jonathan I. Israel. “The Diplomatic Career of Jerónimo Nunes da Costa: an episode in Dutch-Portuguese Relations of the Seventeenth Century”, *Bijdragen en Mededelingen Betreffende de Geschiedenis der Nederlanden*, 98.2, 1983, p. 168.

46 *Parnas* era geralmente o presidente dos *parnassim*, cargo desempenhado pelos membros mais proeminentes e que tinha como função a administração da comunidade, neste caso a Nação Portuguesa de Amesterdão.

47 Alfonso Cassuto, *Elementos para a História dos Judeus Portugueses de Hamburgo*, s.l., s.d., pp. 22-24; Daniel Swetschinski, *op. cit.*, vol. 1, Ann Arbor-Michigan, 1987, pp. 224-225.

48 Existem algumas missivas de Jerónimo Nunes da Costa em ANTT, *Manuscritos da Livraria*, nº 168, 32 e 33 de que existem repercussões em reunião de ministros. Ver Daniel Swetschinski, *op. cit.*, vol. 1, pp. 213-215. Sobre a carreira diplomática de Jerónimo Nunes da Costa ver Jonathan Israel. *op. cit.*

49 Alfonso Cassuto, *op. cit.*, pp. 22-24.

50 Daniel Swetschinski, *op. cit.*, vol. 1, Ann Arbor-Michigan, 1987, pp. 232-234. Sobre a carreira diplomática ver Jonathan I. Israel, *op. cit.*, pp. 167-191.

51 ANTT, *Registo Geral de Mercês*. D. Afonso VI, Livro 4, fl. 267.

52 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, proc. 7938 (João de Águila), fl. 26 v.-27.

de Pina ou Raquel Naar e voltou a casar com Raquel Aboab filha de Matatias Aboab e Ester Aboab⁵³.

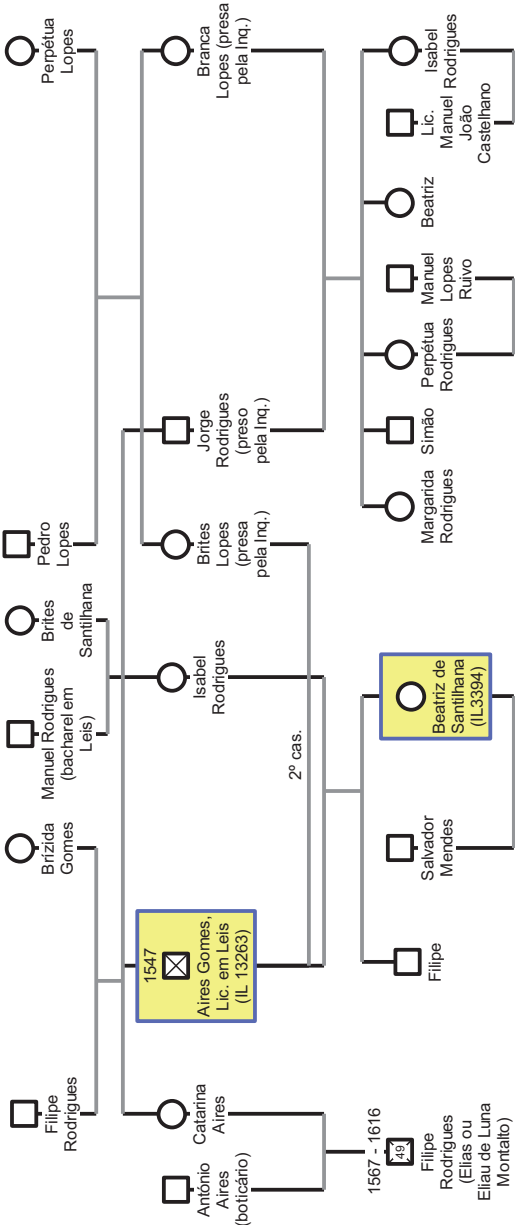
A modo de conclusão pode-se reafirmar que a família de Filipe Rodrigues Montalto, Elias Montalto ou Filioteu Eliau Montalto beneficiava duma importância relativa em Castelo Branco, os seus membros estavam bem integrados na sociedade portuguesa e apenas a perseguição inquisitorial veio provocar o exílio da maior parte das pessoas e o desbaratar dos bens de família.

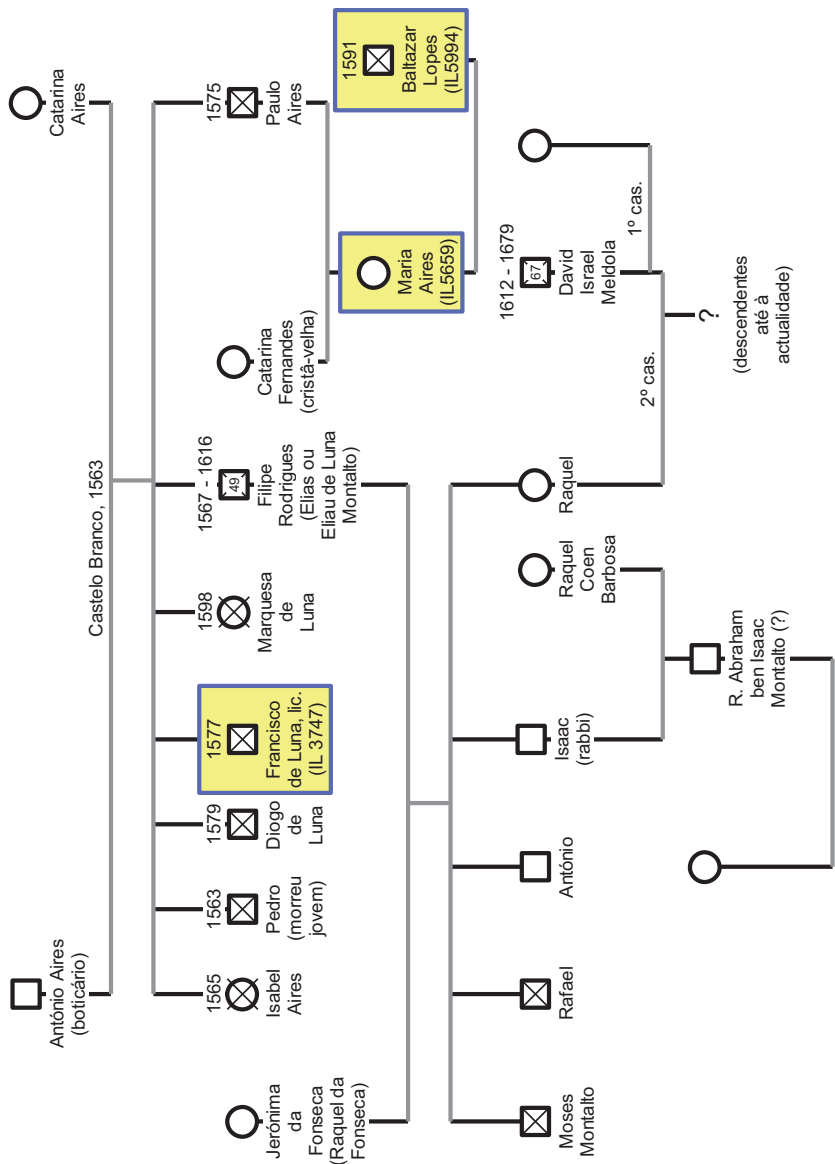
Constata-se ainda que a família Luna Montalto se aliou muito provavelmente a famílias nobres de Castelo Branco por via bastarda e que no Norte da Europa se reforçou a ligação à família Curiel e simultaneamente aos Aboab. Os Curiel tiveram um papel preponderante na Nação Portuguesa de Amesterdão e na sinagoga, sendo também essenciais à Restauração e ao financiamento de armas, pólvora e navios para as guerras, desempenharam simultaneamente funções diplomáticas. Para além disso os descendentes de Montalto aliaram-se a uma importante família sefardita de apelido Meldola que conta entre os seus membros vários rabinos de renome.

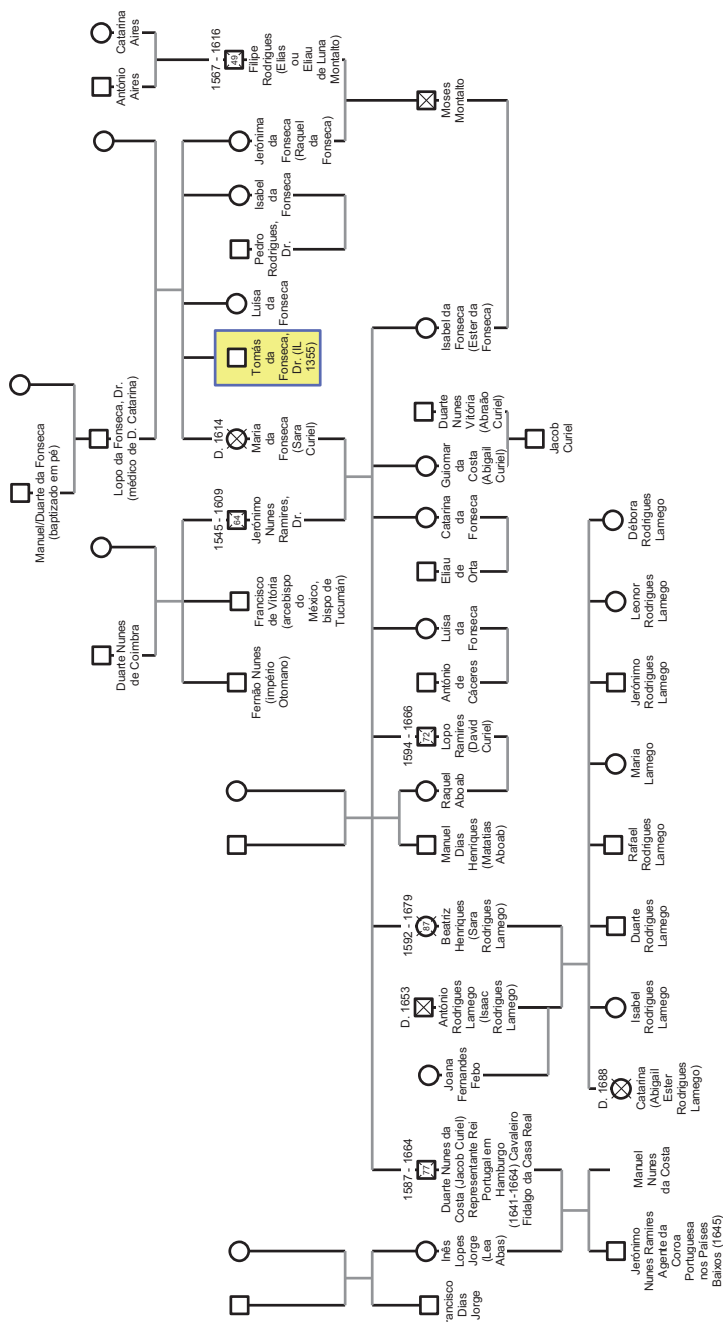
Os irmãos Francisco de Luna e Elias Montalto reflectem dois lados duma realidade pois ambos foram homens de cultura e simultaneamente médicos. Um ficou em Portugal e, apesar da relativa riqueza acumulada, perdeu tudo na sequência de ter sido preso pela Inquisição acusado de judaísmo. Outro saiu de Portugal, foi médico dos Médicis em Itália e dos reis de França beneficiando de tratamento de excepção pois era o único judeu autorizado na Côrte francesa deixando para a posteridade obras médicas de manifesto e reiterado interesse.

53 I. S. Révah, *op. cit.*, pp. 309-310.

Anexos







Fontes e Bibliografia

Fontes

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT), *Inquisição de Lisboa (IL)*, processo 1355.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3394.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 3747.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 4512.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 5659.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 5994.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 6677.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 7192.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 7938.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 12610.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 13056.

ANTT, *Inquisição de Lisboa*, processo 13263.

ANTT, *Manuscritos da Livraria*, nº 168, 32 e 33

ANTT, *Registo Geral de Mercês*. D. Afonso VI, Livro 4, fl. 267.

ANTT, *Registos Paroquiais*. Livro 1 de Mistos de Santa Maria do Castelo (Castelo Branco)

CITY ARCHIVES AMSTERDAM (CAA), Fond 334 Portuguese Israelite Community
Amsterdam PIC 19 or Escamoth A) inventory number 19, scan 152, fl. 216.

CAA, 334, PIC 1163, Livro dos Irmãos de Dotar, scan 52, fl. 71.

Bibliografia

ABOAB, Isaac de Matatias, «La relation généalogique d'I. de M. Aboab», in I. S. Révah (ed. e introd.), «Pour l'Histoire des Nouveaux-Chrétiens Portugais», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. II, nº 2 (1961), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 276-312.

BOYAJIAN, James C., *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*, Baltimore, cop.1993

CASSUTO, Alfonso, *Elementos para a História dos Judeus Portugueses de Hamburgo*, s.l., s.d.

DIAS, José Lopes, *Laços Familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (novas investigações)*. *Primeiro Colóquio de História da Medicina*, 31 p.

- GRADE, Florbela Veiga, “Philoteo Elianus Montaltus Lusitanus two sides of the same coin: The man and his work”, Meah. *Miscelanea de estudios Arabes Y Hebraicos. Revista electrónica da Universidade de Granada*, vol. 65, 2016.
- ISRAEL, Jonathan I., “The Diplomatic Career of Jerónimo Nunes da Costa: an episode in Dutch-Portuguese Relations of the Seventeenth Century”, *Bijdragen en Mededelingen Betreffende de Geschiedenis der Nederlanden*, 98.2, 1983, pp. 167-190.
- MORAIS, João David de, “A problemática da Homonímia e da putativa teia familiar de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano): reinterpretação Historiográfica”, *Caderno de Cultura. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*, nº XXVIII, Nov. 2014, p. 9-38.
- OLIVAL, Fernanda, *As Ordens Militares e o Estado Moderno*, Lisboa, Estar, 2001.
- ROTH, Cecil, «Quatre Lettres d’Elie de Montalto», *Revue des Études Juives*, Paris, imp. Elias, 1929, pp. 139-165.
- SALOMON, Herman Prins, *Lettre Inédite du Docteur Felipe Rodrigues Montalto*. Paris: Calouste Gulbenkian, 1983.
- SWETSCHINSKI, Daniel, *The Portuguese Jewish Merchants of the Seventeenth-Century Amsterdam*, 2 vols., Ann Arbor-Michigan, 1987.
- TAVARES, Maria José Ferro, *Los Judios en Portugal*, Madrid, Mapfre, 1992.
- TAVARES, Maria José Ferro, *Os Judeus em Portugal no século XIV*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, imp. 2000.
- TAVARES, Maria José Ferro, *Os Judeus no Século XV*, 2 vols., Lisboa, Universidade Nova, 1982-1984.
- STUDIA ROSENTHALIANA. *TJJSCHRIFT VOOR JOODSE WETENSCHAP EN GESCHIEDENIS IN NEDERLAND*, (*Journal for Jewish Literature and History in the Netherlands and related Subjects*), vol. XI, nº 2, Jul. 1977, Van Gorcum/Assen.